

VILLAS-BÔAS CORRÊA

26 MAR 1997
Bobices

Aproveitando o remanso da Semana Santa, o presidente Fernando Henrique tentou ocupar o espaço vazio no noticiário político encaixando golpe firme nos fragilizados queixos da oposição. E não poupou ironia nem o despique aos equívocos dos opositores à guinada neoliberal e a somiticaria dos gastos com a área social.

Não se pode negar que o presidente balançou o palanque oposicionista. Embora tenha dado azar: se a CPI concedeu-se férias santificadas, alguns renitentes não desertaram e novos documentos aprofundam o lodaçal da roubalheira dos títulos públicos.

Mas, claro que sobrou vaga para o pronunciamento do presidente. De logo, registre-se que preparou o improviso, municiando-se de argumentos e dados, provavelmente coletados na área técnica. Não foi impulso do momento, o estouro da irritação acumulada. Mas, de tiro desfechado com o cuidado na mira e na escolha da vítima.

Cenário, o de praxe: o palco do Palácio do Planalto, de perfeita serventia para a ocasião. Oportunidade escolhida a dedo: a cerimônia de posse dos novos conselheiros do Programa da Comunidade Solidária, com a recondução de dona Ruth Cardoso à presidência.

O mais correu por conta da facilidade do improviso, a simpatia do orador fluente e a dose de crescente vigor dos seus ataques e contra-ataques à pobrezinha da oposição tão desvalida.

Uma vez mais, Fernando Henrique exibiu seus pontos sensíveis, onde mais dolorosamente latejam as pancadas que os adversários atiram a esmo ou apenas meio às cegas, no rumo.

Identificá-lo como neoliberal soa como o mais ultrajante dos insultos, exigindo revide à altura. No caso, exhibe o esmero na cunhagem do neologismo, encaixado no final da frase como fecho de ouro dos sonetos parnasianos: Só quem não tem nada na cabeça é que fica repetindo que o governo só se preocupa com o mercado, que é neoliberal. Isso é neobobismo.

O estrilo dos que enfiarem a carapuça indicará se o termo vai pegar ou morre no esquecimento de mais um desabafo.

Mais sérias, exigindo resposta fundamentada da oposição são as denúncias de manipulação de dados por má-fé ou espessa ignorância. Queixa-se que seus opositores escorregam em comparações indevidas ou comparam e não somam ao Orçamento os créditos especiais. Cita o exemplo das cestas básicas. O governo é acusado por estar gastando menos com as cestas básicas. O presidente dá o troco: nós dobramos o número de cestas básicas de 3 milhões e meio para 7 milhões. E aperta no arremate: quando se diz que diminuiu o gasto social, estão dizendo bobagem. É preguiça, é gente que não tem paciência. Ou então dizem de má-fé.

Perece exagerada a preocupação com os petelecos de oposição embrulhada em confessadas e notórias dificuldades, engolfada em terrível crise de identificação, sem perspectivas a curto braço, lutando para sobreviver.

Se não há um exagero de avaliação ou de melindres arranhados por singularidades do temperamento, a explicação só pode ser encontrada na pesquisa de outras razões. O presidente emplacou a reeleição, descuidado das etapas rotineiras da dupla votação no Senado. Agora, é o candidato que sobe ao palanque, empunha o microfone e inicia a campanha. A pré-campanha, bem entendido. Favoritismo nas pesquisas, a falta de adversário com viabilidade eleitoral não calafetam as brechas do inesperado, da surpresa que definiram a sorte das últimas sucessões presidenciais.

Fernando Henrique cuida da candidatura e de manter a oposição na defensiva. Especialmente quando ela acerta golpes na vaidade do sociólogo de esquerda. Murro no fígado dói.